

## A passagem da Web 1.0 para a Web 2.0 e... Web 3.0: Potenciais consequências para uma «humanização» em contexto educativo

Henrique Teixeira Gil  
Doutor em ITE

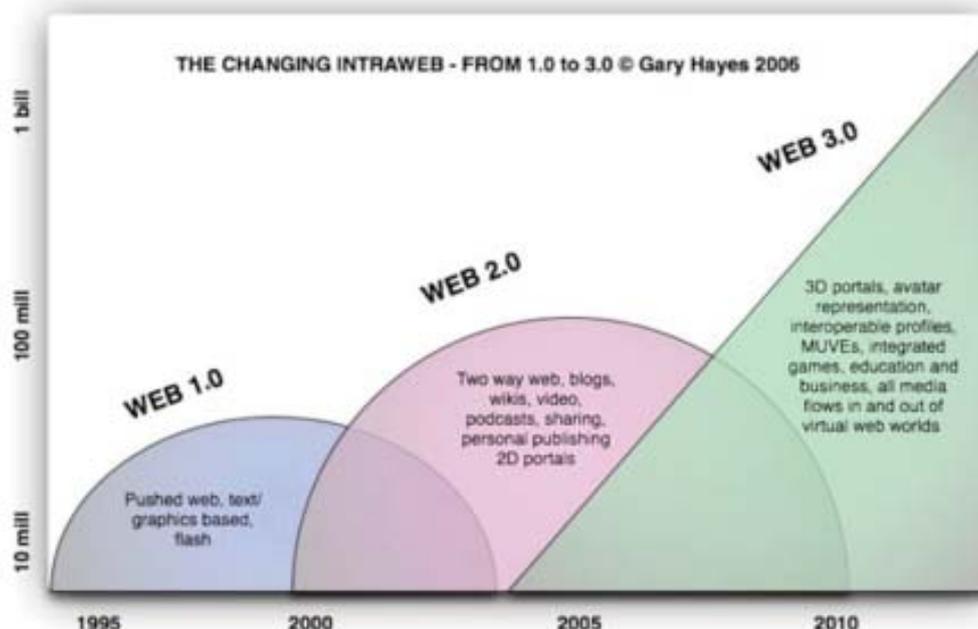
A utilização do computador ou das Novas Tecnologias da Informação (NTI), tal como eram designadas nos finais do século XX, pressupõem que o seu utilizador tinha a característica de ser «um solitário» e de trabalhar maioritariamente num ambiente offline onde imperava a comunicação assíncrona. Tratava-se de uma 'relação' onde as relações socio afetivas eram muito pouco enfatizadas e estimuladas. Existia um determinado estereótipo do utilizador da informática ser um indivíduo que mantinha uma relação individualizada onde a partilha pouco era concretizada.

Com a utilização da internet, na sua fase inicial que poderá ser chamada de Web 1.0, foi criado um novo contexto, um contexto de abertura que justificou o aparecimento de um novo conceito e de acrónimo: Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC. Nesta 1ª geração da Web as utilizações eram do tipo «read-only web» onde as operações de download eram a imagem de marca da sua utilização estando tudo ao alcance do também designado efeito de «fingertips». Neste contexto, estamos a falar de uma verdadeira Sociedade da Informação pelo facto de passarmos a dispor de um autêntico «caldo de informação» onde tudo se podia consultar a qualquer hora do dia.

Com a passagem para a Web 2.0, ou «Web Social» como também é denominada, houve uma alteração drástica na forma como os utilizadores começaram a lidar com as novas ferramentas digitais que lhes eram disponibilizadas que assentavam num novo conceito, o conceito de partilha («share») onde se começaram a adotar interações do tipo «read-write». Exemplos paradigmáticos desta 2ª geração são os blogues e as redes sociais digitais que começaram a surgir como, por exemplo: *hi5*; *Linked in*; *Orkut*; *Facebook*, *Twitter*. É claro que

no presente o Facebook pode ser considerada a rede com mais subscritores que já ronda 1,110,000,000!!!!...

O êxito desta rede social digital prende-se com o facto de potenciar e de estimular a partilha de dados e de informações mas podemos afirmar que são as relações socio afetivas aquelas que mais ressaltam. Para cada uma destes exemplos de redes sociais digitais parece existir uma espécie de especialização ou de canal preferencial onde, por exemplo, se podem destacar os blogues e o *Twitter* como meios onde se promovem debates e discussões acerca de diferentes temáticas sociais, económicas e políticas. Já o *Linked in* tem como principal objetivo constituir-se como uma rede social digital mais focalizada nas formações académicas e nas áreas da empregabilidade. Depois podem ainda ser referenciadas outras ferramentas digitais que propiciam a agregação e partilha dos utilizadores dos quais se podem destacar: *Youtube* (com um número enormíssimo de filmes acerca de todas as temáticas; o surgimento da designação de «vídeo viral») que consegue num curtíssimo espaço de tempo um número elevadíssimo de visualizações; *Flickr* e *Picasa* (hospedam e par-



tilham imagens, desenhos e fotografias); *Wikipedia* (enciclopédia global que recolhe informações por parte de cada utilizador que queira colaborar); *Feeds/RSS* (subscrevem ficheiros agregados); *Google Docs* (construção partilhada de documentos... Em suma, todas ferramentas onde a intervenção diretiva e ativa que pressupõe um trabalho cooperativo e colaborativo estão sempre presentes. Ou seja, onde as relações socio afetivas e a corresponde humanização das relações via dispositivos digitais têm vindo a implantarem-se e serem a razão pela qual estas ferramentas digitais da Web 2.0 se legitimam. E quando ocorre esta partilha de informação com a discussão e reflexão crítica que lhe é subjacente passaram-se a criar condições para se poder afirmar que se promove a passagem de uma Sociedade da Informação para a Sociedade do Conhecimento. Sociedade do Conhecimento que se deverá aprofundar e expandir quando passarmos a ter disponível, em toda a sua extensão, a 3ª geração: Web 3.0.

Esta Web 3.0, também já designada por «Web Semântica», será uma Web onde a comunicação síncrona («live») e o conhecimento constituirão a forma de estar dos seus utilizadores, continuando sempre sob um ambiente e contexto de partilha. Fazendo agora uma ligação direta com o contexto educativo pode-se afirmar que as TIC têm vindo a tornar-se mais «humanizadas» porque estimulam e requerem o estabelecimento de ligações e de interações com terceiros. Por outro lado, não nos podemos esquecer que os atuais alunos são nativos digitais o que quer dizer que já nasceram e convivem desde sempre com dispositivos e ferramentas digitais o que facilita o seu enquadramento e utilização em contexto educativo dado ser uma realidade inerente às suas rotinas diárias. Mas o que se tem conti-

nuado a verificar é uma fraca utilização sistemática das TIC na escola porque, neste particular, encontramos os professores que na sua qualidade de emigrantes digitais ainda não criaram hábitos e, sobretudo a confiança, para utilizarem de uma forma mais frequente as TIC no processo de ensino e de aprendizagem. Uma das razões que pode ser avançada prende-se com a falta de formação na utilização das TIC em contexto educativo associada à crescente e rápida evolução dos dispositivos tecnológicos.

Neste particular, o incremento das redes wifi, as pen de banda larga e o aparecimento e instalação de cada vez mais hotspots, conjugados com a também crescente presença de smartphones e de tablets, tornaram cada vez mais fácil o acesso à internet pelo sua cada vez maior portabilidade. Esta nova realidade trouxe-nos à ubiquidade tecnológica-digital onde a utilização e acesso à internet é feita em todos os lugares desde que haja rede. Quer isto dizer que estão criadas as condições para uma ambiência educativa-tecnológica pela razão da internet estar cada vez mais próxima e acessível, pelo maior número e variedade de equipamentos portáteis, o contexto educativo pode e deve aproveitar esta ocasião para, de uma forma natural, incluir sempre que necessário e pertinente as TIC. Esta utilização tanto poderá ser presencial como a distância mas agora, já não na versão de *e-learning*, mas numa versão de *m-learning* (*mobile learning*) muito mais contextualiza dado que permite estar presente disponível numa maior diversidade de espaços, sejam eles mais formais ou mais informais, como possam ser um jardim, um espaço de recreio, um café... mas praticamente sempre junto e com PESSOAS!

#### Diretório Web 2.0

[Crianças europeias em linha](#)

[É impensável uma escola sem TIC](#)

[Potencialidades da disciplina TIC para a mudança de práticas educativas](#)

[Metas de Aprendizagem](#)